

Mudança de Cor do Deserto Egípcio: O Projeto Futuro do Egito

Para as duas horas que os motoristas podem gastar no trecho de oito faixas da auto-estrada do Cairo a El Dabaa, no norte da costa, tudo o que se pode ver são quilômetros e quilômetros de terras cultivadas intensivamente de cada lado. Há dez anos, essa extensão do deserto ocidental era pouco mais do que rochas e areia.

Este é o primeiro estágio do vasto projeto Futuro do Egito, que acabará abrangendo 2,2 milhões de feddans (9.240 km² ou 3.500 milhas quadradas) - uma área do tamanho de Chipre.

"O mapa do deserto egípcio está mudando de cor", declarou um {sp} promocional recente, "de amarelo para verde".

Imagens de satélite da área mostram centenas de campos com irrigação por pivô central (em que as aspersores giram sobre os cultivos), alguns com até um quilômetro de diâmetro. Um rio artificial de 114 km de extensão está quase concluído a um custo superior a R\$5bn (£3,9bn). Uma vez concluído, ele transportará 3,5 bilhões de metros cúbicos de água por ano para os campos.

Este megaprojeto bilionário representa pouco mais da metade do plano do governo egípcio de transformar 16.800 km² de deserto terras agrícolas antes de 2027.

O presidente Abdel Fattah al-Sisi anunciou este projeto ambicioso pouco depois de assumir o poder 2014 um golpe militar.

Falando na inauguração do Futuro do Egito maio, ele reafirmou seu desejo de ver o deserto florescer, dizendo: "Se tivéssemos água suficiente para cultivar 100m feddans, faríamos isso."

No entanto, o Egito já sofre de um déficit anual de 7 bilhões de metros cúbicos de água, de acordo com as Nações Unidas. Além disso, o país está lidando com cortes de austeridade para abordar uma taxa de dívida relação ao PIB superior a 90%, que aumentou sob a administração de Sisi, grande parte devido a gastos luxuosos megaprojetos de infraestrutura e novo equipamento para as forças armadas.

"Não importa se há uma grande 'verdura do deserto', isso não significa que haverá um grande produto vindo disso", diz El Nour.

Com apenas três anos restantes para 2027, o governo alcançou apenas 20% de sua meta de reclamação: 3.400 km², de acordo com recentes anúncios.

El Nour acredita que mesmo isso é "uma exageração" e que a verdadeira quantidade de terra pode ser muito menor e muito menos lucrativa do que o governo sugeriu.

Ambientalista brasileira diz que estamos "roubando coisas das pessoas do futuro agora"

Mary Heath, ativista ambiental, está secando sementes na cozinha para plantar. Ela fala sobre o Dia do Desequilíbrio da Terra, a marcação anual assustadora que indica quando a humanidade consome mais do que a Terra pode regenerar um ano.

Globalmente, o déficit começou 1 de agosto, o que significa que estamos "usando a natureza 1,7 vezes mais rápido do que os ecossistemas do planeta podem regenerar".

A data de desequilíbrio da Austrália foi 5 de abril.

Na face da crise climática, esgotamento de recursos e calamidades da biodiversidade,

corporações e governos ainda estão presos na noção de crescimento eterno.

[star games bet](#)

Mas há um movimento crescente tentando desacelerar ou parar a taxa de aumento. Ou mesmo reduzir a economia para salvar o mundo. E eles não estão falando sobre reduzir a qualidade de vida lugar algum, muito menos economias desenvolvimento. Eles estão falando sobre sustentabilidade, valorizando recursos além do dinheiro e reconhecendo que o crescimento infinito é impossível e a perseguição dele catastrófica para o planeta.

Heath é um exemplo animado e apaixonado daqueles que querem aplicar os freios. Chame-o de anticonsumismo, anticapitalismo, degrowth, pós-crescimento – ou um retorno a tempos mais simples.

Ela está costurando docenas de buracos um suéter de loja de segunda mão, operando seis composteiros diferentes, fabricando coberturas de verme e almofadas de velhos jeans usando a overlocker de sua avó. Ela fez um sudário para uma amiga querida dos trajes que a amiga havia amado.

[star games bet](#)

Uma guerrilheira jardineira, ela coleta e propaga sementes, plantando nativas cantos negligenciados de seu subúrbio de Adelaide.

Em 1992, o secretário de imprensa de Bill Clinton, James Carville, cunhou a frase "É a economia, estúpido". Ainda ressoa nas campanhas eleitorais com o apelo simples da simplicidade.

Mas há um aumento no número de pessoas que questionam se estamos sendo, bem, estúpidos sobre a economia nossa perseguição do "crescimentismo".

O crescimento populacional e a crise de fertilidade

A última campanha de crescimento se concentrou na "crise de fertilidade", na população idade avançada e nos seus efeitos econômicos.

Com as taxas de fertilidade despencando, a pool de jovens contribuintes fiscais diminuirá e se mostrará incapaz de apoiar as fileiras crescentes de idosos, argumenta-se. E um crescimento populacional significa um crescimento econômico, o que significa ... o que, exatamente?

Embora o crescimento econômico tenha retirado milhões da pobreza, ele não tem entregue a igualdade. Estatísticas mostram que a maior parte da riqueza acaba nos bolsos dos já ricos. E o crescimento econômico sem fim está inextricavelmente ligado ao consumo, o que por sua vez está desarticulando a paralela empurrada para a sustentabilidade.

Pense iates super-ricos e iates super-ricos.

Não há falta de outras maneiras de abordar a pobreza, a exclusão social e a desigualdade, diz o relator especial das Nações Unidas sobre extrema pobreza e direitos humanos, Olivier De Schutter. Ele escreve que os governos ainda atuam como se o crescimento infinito fosse possível e argumenta que o crescimento do PIB não é necessário.

"Passar de uma economia impulsionada pela busca por maximizar lucros para uma economia de direitos humanos é possível e, para ficar dentro dos limites planetários, necessário", escreveu um relatório de julho.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: bet 263

Palavras-chave: **bet 263 - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-11-18